

A Fraternidade

ORGAO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Director,
JOÃO DE SOUSA

Secretario da redacção,
FRANCISCO GUIMARÃES

Administrador,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte), um anno. 1.200 »

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicao

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

APPENDICE Á "CARTA ABERTA"

II

A deficiencia de tempo não me permittiu esclarecer convenientemente o ultimo periodo do meu «Appendice». Faço-o agora para evitar duvidas sobre o sentido que me levou a escrevel-o «...nem tão pouco os sacerdotes dignos etc.» O sr. Padre Lamella é um fanático, um espirito fraco e nullo mas não me convenço que possua um mau caracter, nem um passado censuravel que o apresente como um individuo prejudicial e geralmente antipathico. Nunca se devia dar ás minhas palavras o sentido deveras insultuoso, que me parece o sr. Padre Lamella lhe attribue. Eu, se a mim as dirigissem, calar-me-hia suppondo que não me podiam ferir a dignidade, nem atacar o meu caracter, cuja seriedade ninguem havia contestado. O mesmo «Appendice» saiu com algumas *gralhas*, que a má revisão originou. Vou rectificar as mais importantes: na segunda columna, a linha 48, onde se lê *estações*, deve ler-se *citações*; na terceira columna, a linha 40, em vez de *No qual* deve ler-se *No geral*.

O sr. Padre Lamella *illudido na sua boa fé* ao ler a minha «Carta Aberta», declara-se agora convencido que sou um ignorante, um espirito mesquinho, um incoherente e merecedor, talvez, de outros mil qualificativos, que certamente lhe não ocorreram á imaginação ao escrever a sua «Treplica á Carta Aberta».

Entendendo que o *tom pessoalmente aggressivo*, que só elle encontra no meu «Appendice», me isenta do numero dos adversarios leaes, insultame para fugir a uma discussão sensata e clara, que eu não provoquei. Acabo de analisar vagarosamente a minha segunda carta ao sr. Padre Lamella e não encontro n'ella a mais pequenina offensa pessoal ao mesmo rev.º Padre, nem uma minima injuria que o possa melindrar. Julgando-me sem conhecimentos scientificos para poder solidificar as minhas asserções, classifica-as de afirmações gratuitas e por consequencia sem valor algum. Não me admira o que escre-

veu, nem as asseverações que faz; está no seu papel o tentar reputar argumentos que os livros scientificos annunciam, sem contestação possível, como sendo a verdade mascula e sã. Se o sr. Padre Lamella me provar á face da sciencia a divindade de Christo e outros mysterios que a Igreja proclama como dogmas, eu, em vez de dizer que sua rev.ª é uma nullidade, um sacerdote sem mais valor do que a da posição que exerce, declararei muito peremptoriamente que o sr. Padre Lamella terá razão em chamar-me ignorante, espirito mesquinho, incoherente e tudo mais que quizer. Não ha justificação possível para o proceder de sua rev.ª, na «Treplica» que me dirige no «Deus e Patria», de 21 de outubro. Se existe razão para algum de nós ser malcreado e ignorante é o sr. Padre Lamella: malcreado porque me conduz para o campo de offensas pessoais, que eu sempre evitei; ignorante visto o boato geral que corre, affirmando não ser sua rev.ª o auctor dos artigos que constituem as respostas ás minhas cartas.

Com a implantação da primeira republica franceza no anno de 1792, um anno antes de ter sido guilhotinado Luiz XVI, o infeliz rei victima da successão hereditaria, as ideias novas que motivaram a deposição e morte do alludido rei, alcançaram os mais remotos paizes e começaram, lentamente, a fazer uma evolução geral que veio estabelecer a *Declaração dos direitos do homem*, cujo conjuncto de principios eram os seguintes:

«Egualdade politica e social de todos os cidadãos;
Respeito á propriedade;
Soberania da nação;
Admissibilidade de todos os cidadãos nos empregos publicos; Obrigação de todo o homem obedecer á lei, expressão da vontade geral; Respeito das opiniões e crenças, incluindo as religiosas; Liberdade da palavra e da imprensa; Repartição equitavel dos impostos, livremente consentidos pelos representantes da nação.» Antes de se effectuar a revolução

franceza, inicio de uma nova era de prosperidade e bem commum, as classes preponderantes, que se compunham da nobreza e clero, humilhavam o povo e opprimiam-no dolorosamente, vexando-o com impostos elevadissimos e oppressões exageradas. A massa popular, elemento grandioso que devia impôr a sua vontade fazendo d'ella uma clava de respeito, offerecia o aspecto triste e desolador de um animal pacifico e calmo, que obedece ao chicote implacavel do dono. Não convinha ás classes elevadas o estabelecimento da republica: era um dique poderoso que vinha acabar com o feudalismo, com a differença de classes, com todas as barbaridades que até alli paralyssavam a alma popular. Para substituir, pois, a republica foi preciso cimental-a com immenso sangue; mas d'esse sangue brotou a liberdade d'onde sahiu todo o progresso, toda a luz, toda a verdade que hoje cega as toupeiras da reacção. Com o resurgimento da liberdade expandiu-se a instrucção: os encyclopedistas, evangelisadores resolutos, propagandistas modernos de uma civilização que nascia, espalharam heroicamente toda a luz do seu generoso Ideal, fulminaram com a sciencia as doutrinas de submissão e embrutecimento, que a Igreja e a nobreza, com recatado cuidado e bruta imposição, proclamavam como dogmas e preceituavam como verdades. Com os conhecimentos que se adquiriam na leitura das encyclopedias manifestava-se o horror por um passado que morria torturado pelo odio unanime dos povos.

A revolução franceza germinou a luz intensa, que os grandes encyclopedistas levaram a todos os paizes; d'ahi o desdem, o odio, o horror que ao sr. Padre Lamella inspiram esses iminentes apostolos da civilização, do progresso, da paz do mundo.

Ao sr. Padre Lamella cega-o o orgulho e perturba-lhe a razão o pouco senso que possui. Não comprehendendo o que eu escrevo, mas invadindo-o um desejo ardente de nada deixar por contestar, tudo confunde, em tudo vê uma calumnia, em tudo manifesta o seu pouco criterio. Não admire o sr. Padre Lamella as minhas palavras: imito o seu proceder

e n'isso encontro desculpa para a orientação que hoje dou a esta carta. Dizia eu no meu *Appendice á «Carta Aberta»* que a causa que motivou a questão entre Herculano e o jesuitismo foi uma lenda que se espalhou após a *batalha de Val de Vez, no reinado de Affonso Henriques*. O sr. Padre Lamella referindo-se a este facto, diz que eu deturpo esta acção historica transferindo o local onde ella se deu.

A ambição de tudo reputar cega-o: não vê, não comprehende, asneia, mas quer ter razão. Não me occorrendo á imaginação, no momento em que escrevi a minha segunda carta, o local preciso em que se effectuou a celebre batalha a que me queria referir, escrevi: *«após a batalha de Val de Vez etc.* A batalha de Campo Ourique, como todos sabem, realizou-se após a de Val de Vez; parece-me portanto estar bem claro o meu pensamento. Já vê o sr. Padre Lamella, que o livre pensamento não *auctorisa a deturpar factos historicos*.

Falla-me o sr. Padre Lamella em frades e transcreve um excerpto do immortal Castilho, para me convencer que o grande poeta não foi livre pensador.

Ora bollas! Castilho, que na litteratura contemporanea occupa um dos primeiros logares como poeta de elevado valor, nenhum merito tem como historiador profundo e imparcial. Não supponha que nego talento ao espirito fulgidissimo de Castilho. Castilho, como poeta, achava sentimento e poesia no viver solitario dos frades; mas por Castilho achar-lhes utilidade não é isso motivo para se dizer que elles foram incontestavelmente uteis. Se o sr. Padre Lamella se der ao trabalho de ler detidamente a Historia de Portugal, do auctor que quizer, ha-de ver, até logo no primeiro reinado, que elles impediram, com o restringimento da população, a reconstrucção da nação luzitana. A esterilidade d'esses homens que se metiam em conventos, era um prejuizo enorme para o paiz e todos os serviços que elles prestaram pouco attenuam os males a que deram origem. Alem d'isso esses homens que, é facto, nos legaram elementos para escrever a nossa historia,

embora de esses elementos pouco se aproveitasse pois mais constituíam descrições de milagres, absurdos e superstições pueris do que chronicas historicas,—esses homens, cujo celibato tornava inúteis para o bem da patria, sustentavam a ociosidade de muitos homens validos, impediam o cultivo dos campos e assim o progresso da agricultura e alimentavam outros erros graves, que a nação a pouco e pouco foi sentindo. Mas isto é uma questão secundaria á qual o sr. Padre Lamella não liga, naturalmente, importancia alguma. Desde que nos deixaram alguns documentos que nos prohibe de os classificar de individuos completamente inaptos, não se faz caso dos males que acarretaram para o paiz, nem do prejuizo que causaram com o descrecimento da população portugueza. E' contagiosa a molestia das citações, sr. Padre Lamella. Para o imitar vou transcrever uns pequenos periodos da obra «A Rainha Santa», dos srs. Armando da Silva e Caldas Cordeiro:

Um dos motivos porque os reis, rainhas e pessoas nobres de grandes haveres nomeavam para administradores dos seus bens individuos de raça judaica era, alem da proverbial sagacidade com que administravam e faziam render o dinheiro, a honradez exemplar com que desempenhavam esses cargos. Ora com respeito a honradez em questão de dinheiro e de desinteresse o alto clero e os nobres deixavam muito a desejar. E no seguimento d'esta obra, quando tratarmos da primeira fundação do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, terá o leitor a prova do que affirmamos com respeito aos padres.

Sigamos a indicação destes srs. e ouçamos o que diz o sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, professor de theologia na universidade de Coimbra, no seu livro «Evolução do culto de D. Izabel de Aragão». Parece-me que as palavras d'este escriptor devem ter auctoridade:

Os conegos de Santa Cruz, que nunca haviam contestado a liberdade de Mór Dias, deixando-o possuir e administrar os seus bens, certos como estavam de que a proprietaria por sua morte a ninguem mais os deixaria senão a elles, ficaram seriamente incomodados quando a viram dispôr de parte da sua fortuna a favor do mosteiro que ia fundar. E' impossivel, por falta de documentos, estabelecer a chronologia d'esta demanda vergonhosa. O primeiro vestigio que encontro de contestação é o protesto feito por D. Mór Dias perante o bispo de Coimbra D. Americo, a 20 de janeiro de 1285, declarando formalmente, como nunca, nem ainda n'esse tempo (em que recebeu o habito) fora sua tenção de ser Freira, nas Donas de S. Cruz; nem de côro, nem de converso; e muito menos obrigar-se a essa Religião. Disse mais que com este pressuposto estava no seu mosteiro até poder concluir certos negocios, que lhe importavam muito. Os cruzios (1) querendo obstar a que lhes fugisse a fortuna de D. Mór contestaram a validade da doação, allegando que aquella dona havia professado na sua ordem, a qual desde então ficara pertencendo a sua pessoa e bens.

Ta n'isto uma torpissima falsidade, mas a consciencia dos conegos não hesitou em lançar mão d'este meio para que a sua cobiça pudesse avidamente elevar-se nas grandes riquezas d'aquella boa senhora. Era então prior do mosteiro de Santa Cruz D. Durando Paes,

homem que a *Chronica dos Conegos Regrantes* diz ser dotado de todas as partes requisitas para o tal cargo, porque alem de ser bom Letrado e Pregador, e de vida aprovada, era de condicão mui affavel, e brando e muy amigo dos conegos. E tão amigo era, que tratava de os enriquecer ainda á custa de mentiras e espoliações.

Com a presente carta dou por terminada a discussão com o sr. Padre Lamella.

Barcellos, 7 de novembro de 1905.

Francisco Guimarães

Brindes de «A FRATERNIDADE»

A administração da *Fraternidade* resolveu offerecer, por occasião das festas do Natal e Anno Bom, um brinde especial a todos os assignantes e correspondentes que — até ao dia 31 de dezembro proximo — angariem 10 assignaturas certas.

Não estamos, por agora, habilitados a dizer qual será esse brinde, porque ainda não está definitivamente assente a sua escolha; mas podemos affirmar que será de utilidade para qualquer pessoa e que constituirá, por certo, uma surpresa.

Aquelle assignante ou correspondente que obtinha de quinze a vinte assignaturas, terá como brinde da *Fraternidade* um objecto de maior valor:—isto é: além do brinde conferido aos que obtinham dez assignaturas certas, terá direito a entrar no sorteio de um lindissimo objecto para escriptorio.

O concurso para estes brindes, fica aberto desde hoje — 15 de novembro — e termina no dia 31 de dezembro do anno corrente.

Convidamos, por isso, todos os nossos correspondentes e assignantes a habilitarem-se ao concurso dos **Brindes da «Fraternidade»**, o que todos podem fazer, porque o trabalho é pequeno e este ser-lhes-ha recompensado.

Em o numero de 15 de janeiro proximo publicaremos a lista completa dos assignantes obtidos por cada um, para assim todos verem a nossa lisura e desinteresse na conferencia dos brindes.

Aos — **Brindes da «Fraternidade»** — podem todos ser candidatos.

A FEDERAÇÃO

O artigo que, subordinado a esta epigraphie, fizemos inserir em nosso numero passado, suggeriu a *Revolucionario*, no *Caixero*, umas considerações que, ao que parece, nos são dirigidas.

Revolucionario «está, como a *Fraternidade*, plenamente convencido que ha uma necessidade urgente de a classe se organizar para então reclamar com energia e perseverança as suas regalias».

«Mas tambem do que está crente é que não será o trabalho isolado das juntas executivas, que poderá conseguir esse desideratum».

Interroga o auctor do supra citado artigo, se as juntas não tem cumprido rigorosamente a sua missão.

«Talvez não,—diz,—mas procurando a causa, vae encontrar a no indifferentismo que a classe reserva a tudo e todos».

Ha muito tempo que sabemos que a classe tem sido indifferente aos seus proprios interesses sociaes. E tambem sabemos que as Juntas cumpriram a sua missão; isto é:—cumpriram a missão de convidar as associações a nomear os respectivos delegados ao Conselho Geral. E por d'este facto termos inteiro conhecimento, já no artigo publicado em nosso numero passado pedimos, em nome da causa da classe, ás associações que ainda não cumpriram o *dever* de nomear os seus delegados á Federação, que o façam sem perda de tempo.

Mas tratemos agora do assumpto por outro lado:

As Juntas executivas cumpriram a missão de convidar as associações a nomearem seus delegados ao Conselho Geral da Federação; e uma grande parte d'essas associações, não responderam, nem importancia deram ao convite—affirma *Revolucionario*.

Quem merece censura aspera?

Está claro que são as associações que—indelicadamente e sem coherencia—não attendem o compromisso tomado nas resoluções do 2.º congresso.

Mas—embora sem dever mas por dedicacão á causa—as juntas executivas deveriam e devem insistir com as associações, lembrando-lhes os compromissos tomados pelos seus delegados no 2.º congresso.

E quando haja numero em maioria de associações federadas, essas juntas devem, se bem entendemos, fazer funcionar a Federação.

E quando por falta de numero de associações não possa constituir-se a Federação, ás Juntas, para declinar responsabilidades e para mostrarem á classe que o atraso dos trabalhos federativos não é culpa sua, devem dizer á classe que a Federação não póde existir pelo motivo de a ella não adherir a maioria das associações de classe.

Bem sabemos que este pro-

cesso ou modo de informacão viria mostrar á evidencia a falta de criterio dos dirigentes das respectivas associações que ainda não deram satisfacão ao compromisso que tomaram no 2.º congresso.

Mas é que hoje não devemos esconder os males que nos affectam; é preciso, pois, apontal-os para que se possam combater.

E' de todo o ponto precisa a actividade das Juntas, para que a classe, federada, accione, sendo energica na defeza da sua causa.

Além do dever já cumprido, podem as Juntas Executivas fazer mais alguma coisa em prol da constituição da Federação, a ver se ao menos fica este beneficio para a classe, dos resultados finais do 2.º congresso, alem da—*Paz*—que está parcialmente feita.

Fez-se a paz entre os homens, mas falta conseguir-se a cohesão associativa.

Nota—Já depois de termos escripto este artigo, chegou á nossa redacção o nosso presado confrade portuense, *A Luz do Commercio*, que insere uma correspondencia particular de Lisboa, na qual o seu auctor, referindo-se á inacção das Juntas Executivas, segue as ideias que apresentamos no artigo acima.

AGUILHOADAS

Um dos amigos de *A Fraternidade*, empraza-me a que tome a meu cargo a secção das *Aguilhoadas*:—ou por outra:—quer esse amigo que eu faça cahir o aguilhão sobre aquelles que caminham erradamente e estacam deante do menor sacrificio a fazer. Aceito. Sou caixeiro; e, por isso, o aguilhão de que me sirvo—a proza imparcial—vae, pela primeira vez que escrevo aguilhoadas, dirigido á classe a que pertenco, com o sentido de a fazer mover do lethargo em que jaz e em o qual parece querer conservar-se.

Ha um certo tempo a esta parte, as nossas associações de classe tem-se conservado n'uma indolencia espantosa, n'um esfriamento intoleravel:—intoleravel porque não se explica e n'uma indolencia que não tem razão de ser.

Depois do 2.º congresso, nem um unico passo, mais, se deu!

E quando as associações de classe não marcham, tambem a classe não avança, porque esta são aquellas e porque aquellas são a força d'esta.

Ao principiar o 2.º congresso, a classe despertou; no final d'elle, a classe bateu palmas, applaudiu; depois das palmas e dos applausos... adormeceu!

Mas que somno tão pesado é esse!

Nem talvez o aguilhão—tal qual ao applicado aos bois—á fará despertar...

As associações dormem, a

(1) Religiosos da congregação de Santa Cruz de Coimbra.

classe descansa. Quadro bello, bellissimo!

Hontem as commissões do descanso disseram á classe que era necessario effectuar sessões magnas em favor do descanso dominical por lei. As sessões effectuaram-se... em algumas partes; em outras, os caixeiros puzeram mais uma vez em acção a sua criminosa indiferença.

Assim, como lutar?

São as associações de classe os baluartes bem fortes que poderão colher a victoria da nossa causa; mas, pelo modo como actualmente se orientam, creio que tambem serão ellas quem cavam o precipicio onde a breve trecho de tempo estaremos cahidos, porque o calor da nossa causa tem-se apagado espantosamente nos ultimos mezes.

As associações precisam de accionar a classe; e se presentemente ellas não tem gente que tal faça, aos seus socios cumpre o dever de escolher essa gente.

E' preciso—saibam-n'o todos os caixeiros—termos a força concentrada nas nossas associações, porque só por ellas se poderá chegar ao almejado fim da decretação do descanso dominical ou hebdomadario.

Cáia, embora, por terra, a justiça da nossa causa, mas nunca motivada essa queda pela inacção e desprezo dos proprios interessados.

E' preciso que a classe saiba cumprir os seus deveres e é preciso lutar decididamente em prol dos nossos direitos.

Aguilhão

ATRAZO

Por motivos verdadeiramente involuntarios, porque queremos que os nossos estimados assignantes recebam a tempo e horas este quinzenario, o presente numero d'A *Fraternidade* sae um pouco atrazado.

Desculpem-nos a falta que, como já dissemos, é involuntaria.

NECROLOGIA

ANTONIO A. DA MOTTA

Ao passar, ha dias, por uma rua da villa, encontrei-me, subitamente, com um prezado collega de Guimarães, com quem seguidamente travei conversação.

Indagando-lhe noticias d'aquella terra, onde permaneci longo tempo no mister de caixeiro e onde deixei amigos dedicados e bons collegas, colbi, na annuição, bem funestas e desoladoras noticias.

Mas quem, o Motta? — E' morto, já... Succumbiu ha bem pouco tempo, resultado d'uma dizimadora febre typhoide que tão cruelmente o fez desaparecer do numero dos vivos e do seio dos seus amigos... tão bom collega como leal amigo.

E' morto, já... Mas como? Pois é possível que um moço, d'uma constituição tão bem formada, phisica e moralmente, seja victimado «assim tão facilmente»?

E' morto, já... eis a eruel verdade. Surprehendido em extremo com a desoladora noticia, fiquei perplexo e, durante momentos, meditativo, pensando nas phases diversas que na vida se atravessam, umas de completa magua, amarguradas, enquanto outras, d'uma

ligeira e leve ventara, que se extinguem ao menor sopro da viração.

Não posso deixar de vir aqui desafogar o alanceamento causado por tão lugubre noticia, e, assim, expressar o profundo sentimento pela falta d'um collega extremoso.

Adeus, amigo! Que a paz do tumulo te seja o alivio que n'esta vida tão affastado se acha e recebe a saudade sentida de quem sempre presou a tua bella amizade e camaradagem.

Barcellos, 10 de novembro de 1905.

B. Chaves.

FALLECIMENTO

Victimada por uma lesão cardiaca — e não tuberculosa, como erradamente alguns jornaes noticiaram, falleceu no dia 5 do corrente a menina Maria Sophia dos Santos Caravana, filha estremeçada do nosso respeitavel amigo, sr. David de Souza Caravana.

Sentimos a alma enlutada quando nos communicam a morte de uma pessoa joven, ainda na flor da vida, quando os primeiros alvares da mocidade começam a encher a alma de illusões. Que a vida é uma chimera, um cahos, uma utopia, dizem-no muitos; ninguém se lembra que ella é a suprema aspiração de um coração joven, de um espirito que principia a conhecer a riqueza incomparavel da Natureza.

Se pensassemos a serio na limitada existencia da vida, talvez essa lembrança nos martyrisasse o espirito. Dizem que ha um ceu, que ha um paraizo: se isso não é um engano, terá a infeliz menina, n'esse mundo desconhecido, a recompensa da grande amargura que tão cedo a feriu e que cruelmente martyrisou o coração de seu amargurado pae.

Aqui expressamos ao nosso intelligente amigo, sr. David de Souza Caravana, as mais sinceras condolencias por tão triste acontecimento.

Correspondencias

Setubal, 8

Na sede da nossa Associação de classe, effectuou-se no passado dia 1 do corrente uma reunião da Assembleia geral, a pedido de um grupo de socios que, não se conformando com a inactividade da direcção perante a causa do encerramento dos estabelecimentos aos domingos e dias santificados n'esta terra, vão formular um pedido para que seja estabelecida uma hora certa do encerramento referido.

Tomou a presidencia o collega Joaquim Brandão, secretariado pelos illustres companheiros Carquejeiro e Callado Xavier. O camarada presidente lembra á assembleia que, tendo por duas vezes convidado os socios para a reunião da assembleia geral, com pesar seu viu que nos dias para que foram feitas as convocações, não havia apparecido numero de socios com que a assembleia pudesse funcionar; mas hoje, diz, congratula-se por ver que a classe local está allí largamente representada e, por isso, pede a todos os consocios união, para que o movimento que va ser iniciado dê os resultados almejados, porque é em prol de uma causa importante.

Em seguido dá a palavra ao collega secretario, Vallados, que começa por dizer que nós, caixeiros, estamos sendo escravizados pelos patrões; e, por isso, pede a todos que se unam para que possamos ver coroadas de bom exito as nossas justas pretensões.

Segue-se no uso da palavra o collega Junqueiro, que apresenta á assembleia um projecto de encerramento, terminando por pedir a nomeação

de duas commissões; uma para ser aggregada á direcção e outra para exercer a vigilancia sobre a forma do funcionamento do encerramento. E' aprovado.

Fallaram ainda varios companheiros, ficando, por fim, resolvido officiar-se á Liga dos Revendedores de Viveres e á Associação Commercial, pedindo que deem o seu apoio ao movimento que em favor do descanso dominical por convenção, va ser iniciado pela nossa Associação.

Antes do encerramento da sessão, o presidente recorda os trabalhos dedicados e intelligentes produzidos em beneficio da classe pelos collegas lisboenses Alberto Nazareth e Antunes Vaz; propondo um voto de sentimento pela retirada d'estes dois companheiros do movimento associativo da classe e ao mesmo tempo faz votos porque estes dois accerrimos defensores dos caixeiros voltem a occupar o logar que deixaram e que será impreenchivel. Foi aprovado e em seguida encerrou-se a sessão.

—De Sylves, aonde se achava empregado, veio collocar-se n'esta cidade, no estabelecimento dos srs. Laboreda & Revez, o nosso amigo e collega Theophilo Paletti, um dos muitos que com grande dedicacão tem trabalhado pelas nossas regalias. Que a sua estada entre nós seja duradoura, é que do coração lhe desejamos.

A. V. E.

Villa R. de Santo Antonio, 31

Reuniram-se, no dia 28 do corrente, na sede do Grupo Liberal de Instrucção e Recreio, os socios do mesmo, para tratarem de assumptos que dizem respeito á melhora de situação social dos caixeiros de esta villa.

Foi aberta a sessão ás 5 horas da tarde, sendo constituída a mesa pelo presidente, Collaço, 1.º secretario, Godinho, e pelo thesoureiro Assumpção.

Depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, foi proposto pelo presidente e por unanimidade approvado, que fosse enviada aos dignos negociantes d'esta villa a circular seguinte:

III.º Sr.

Tendo-se organizado n'esta villa um grupo denominado — «Grupo Liberal de Instrucção e Recreio dos Empregados no Commercio», com sede na rua de S. José, 85, 1.º, cujo fim é trabalhar para instruir e tendo como programma a — Apresentação — que acompanha esta, os abaixo assignados veem mui respeitosa e humildemente, em nome de todos os empregados no commercio desta villa, ponderar o seguinte:

Que na época presente, duas horas de folga é muito pouco para compensar uma semana de trabalho e de prisão ao balcão: por isso vimos lembrar a V. S.ª o que ha tempo lhe foi pedido pelo Ex.º Sr. conselheiro Ramirez. N'essa occasião pedia-se um dia de descanso na semana; hoje vimos rogar de V. S.ª a que se digne acceder a que as portas se fechem aos domingos e dias santificados, ás 3 horas da tarde, para só se abrirem na manhã do dia seguinte, visto em nada affectar os interesses de V. S.ª, pelo contrario, além que trabalharíamos com mais gosto, seria tambem um grande beneficio que V. S.ª dispensava aos vossos humildes empregados, em prol da instrucção e do progresso humano.

Esta petição, que cremos será bem acolhida por V. S.ª, é tambem feita a todos os mui dignos commerciantes d'esta villa; por isso os signatarios, conscios de que serão attendidos, afoitar-se-hão irem mui breve receber de V. S.ª a almejada resposta.

Com o mais subido acatamento, nos

subscrevemos—De V. S.ª, humildes servidores muito attentosios — Joaquim Bento Collaço, Fortunato da Costa Godinho, José Pedro d'Assumpção.

No dia 1 do corrente, todos os socios do Grupo foram receber dos negociantes a resposta da carta que no dia anterior lhes tinha sido enviada, e a resposta foi que fechariam, fechando todos, sendo o sr. Capa um dos ultimos que deu esta resposta.

Porém, n'essa mesma noite, houve um commerciante que disse em presença de varias pessoas, que se não devia fechar.

No domingo seguinte, como faltasse ainda obter a resposta de alguns negociantes, e entre elles o sr. José Alves, o conhecido Miserinhas, dirigiram-se a casa d'este, que declarou terminantemente que não fecharia, e foi este reles taberneiro, que é capaz de se enforçar por um copo de vinho, que destruiu todo o nosso trabalho.

O commerciante que disse que se não devia fechar, foi o sr. José Joaquim Capa: que, apto para roubar aos caixeiros algumas horas de descanso, mostrou mais uma vez o desprezo que tem pelos caixeiros. Foi este tyranno que, pondo a bocca no Miserinhas, não quiz fechar o seu estabelecimento.

Este sr. faltou á palavra, indo abrir o seu estabelecimento; e como os caixeiros lhe fossem pedir para fechar, respondeu-lhes que não fecharia sem fechar o Miserinhas.

E' até vergonha que o sr. Capa compare um dos melhores estabelecimentos de fazendas, com as baiucas mais rapadas que tem Villa Real de Santo Antonio.

Morra pois o tyranno e vivam os Empregados no Commercio!

Viva a liberdade!...

Camacho

MARCO POSTAL

J. A. Ribeiro — Porto — Recebemos importancia e muito obrigados.

J. P. Cerqueira — P. do Lima — Recebemos carta e importancia. Agradecidos.

D. N. Affonso — Penafiel — Recebemos carta, importancia e recibos. Scientes e obrigados.

J. da C. M. Junior — Arcos — Recebemos sua carta e da melhor vontade o atenderemos. Fique certo d'isso. Obrigados pelos seus favores.

A. G. Corrêa — Portimão — Recebemos carta e importancia. Scientes. Sentimos que o collega não acceda ao nosso desejo e pedimos-lhe o favor de, em nosso nome, solicitar do collega que indica o favor que a si lhe pedimos. Por tudo, muito obrigados.

A. A. Camacho — V. Real — Recebemos carta de 5 e ficamos scientes.

J. J. C. d'Almeida — Recebemos carta de 10. Scientes e sentimos os seus incommodos.

A. V. Encarnação — Setubal — Recebemos sua carta de 8. Por tudo obrigados e ficamos scientes.

REVISTA NOTICIOSA

(Da classe e extra-classe)

União dos Empregados do
Commercio

No penultimo domingo, 5 do corrente, e sob a presidencia do collega Teixeira Alves, secretariado pelos tambem collegas João Lima e Fernandes Caldeira, reuniu a assembleia geral d'aquella collectividade portuense.

A ordem do dia, era:

1.º—Tomar conhecimento do pedido de demissão da comissão administrativa; apreciar as causas que motivaram esse pedido e eleger nova comissão;

2.º—Tomar resoluções sobre o estado financeiro da Associação.

Foi lido o expediente que—por constar da primeira parte da ordem dos trabalhos, teve larga e calorosa discussão; e, para abreviar esta, o socio Annibal Martins apresentou uma moção que termina pelas seguintes conclusões e as quaes a assembleia aprovou:

1.º—Não accetar o pedido de demissão á maioria da comissão administrativa;

2.º—Fazer substituir n'essa comissão os tres citados collegas; (1)

3.º—Exarar na acta um voto de louvor ao collega José Candido Dias, pelo seu trabalho intelligente e cuidado dispensado durante alguns annos á classe em geral e a esta agremiação em particular».

Como já se disse, esta moção foi approvada por unanimidade, e a assembleia preencheu os logares vagos na comissão administrativa com os collegas Arthur de Castro, José do Sul e José Joaquim Fernandes Caldeira.

Na segunda parte da ordem dos trabalhos, ficou assente que se pedisse a cada socio o pagamento voluntario da quota mensal de 500 reis, durante um semestre, para melhorar o actual estado financeiro da Associação.

(1) Estes collegas, cujos pedidos de demissão foram justificados e accites, são os presados companheiros José Candido Dias, Deolindo do Amaral e Antonio Rodrigues Annes.

Despacho

Foi superiormente despachado para ir parochiar a freguezia de Lijó, d'este concelho, o rev.º Antonio José Fernandes, natural da freguezia de Christello.

Bispo do Porto

No dia 5 do corrente mez, teve o seu anniversario natalicio, pelo que sinceramente o felicitamos, o nosso illustre patricio, Revd.º Snr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto.

Que aquelle dia se repita por muitos annos, é o nosso mais ardente desejo.

Anniversarios

No dia 10 do corrente, passou o anniversario do nosso amigo sr. Manoel Martins de Azevedo, presidente da comissão administrativa da novel Associação de Classe das Quatro Artes de Construcção Civil.

Felicitamol-o.

—No dia 14, completou 21 annos o nosso companheiro José Carvalho, digno administrador da «Fraternidade».

Tambem o felicitamos.

Grandes Armazens de Fazendas

Vão começar os trabalhos de pintura dos «Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos» que serão, como já affirmamos em nosso numero passado, o mais importante estabelecimento do Minho.

A actividade commercial do sr. Aurelio Ramos e os desejos que o animam na montagem do seu estabelecimento, serão a garantia maior de que todos os compradores serão atraídos a visitar os «Grandes Armazens de Fazendas», quando para mais não seja, para admirar o enorme e completo sortido de artigos que serão expostos á venda.

O sr. Aurelio Ramos espera que a abertura do seu importante estabelecimento se fará ainda n'este mez, fazendo alli a estação de inverno com o numeroso sortido de fazendas que já comprou nas melhores condições de poder vender mais barato do que em qualquer outro estabelecimento da provincia.

Todos devem pois, aguardar, com a maior anciedade, a abertura dos «Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos»—o mais importante da provincia do Minho—para comprar barato e bom.

Estampilhas postaes

Pela direcção geral dos correios, foi ordenado a todos os vendedores de estampilhas postaes que, desde o dia 1 de novembro corrente—tem de fazer as suas requisições nas recebedorias do concelho, tendo estas de enviar uma nota ou talão ás estações dos correios para se apurar o consumo de cada vendedor; soffrendo cada um dos vendedores que durante um mez não faça quaesquer requisição, a retirada do alvará respectivo.

Coelho d'Almeida

Tem estado doente, tendo por este motivo ido passar alguns dias á sua terra natal, o nosso presadissimo amigo e activo correspondente da «Fraternidade» na Figueira da Foz, o collega Joaquim Coelho d'Almeida, a quem desejamos o mais rapido e completo restabelecimento.

«A Voz do Caixeiro»

E' deveras inexplicavel o procedimento d'este nosso collega da Capital para com a nossa humilde gazeta; pois que, seguindo nós a praxe jornalística, temos-lhe enviado *sempre* «A Fraternidade» sem que um *unico* numero, em troca, até hoje, hajamos recebido.

Como explicar o caso?

Ou attribuil-o ao esquecimento da administração d'«A Voz do Caixeiro» ou á sua má administração, ou, ainda, á hypothese de o referido semanario nos não querer dar importancia.

De quaesquer dos casos pedimos uma explicação e a remessa do numero em que tal explicação se nos dê.

Presamo-nos de ser coherentes com as praxes jornalísticas e tambem nos prezamos de com todos querermos manter a mais leal camaradagem.

Expliquem-nos o caso, pois, senhores d'«A Voz do Caixeiro», uma vez que passaram sem reparo uma observação que lhes fizemos em um dos numeros passados, tambem queixando-nos do não recebimento da acima referida folha.

Estampilhas fiscaes

São retiradas da circulação, no dia 31 de dezembro proximo, as estampilhas fiscaes actualmente usadas, para serem substituidas por outras de differente typo.

«O Regenerador»

Com o n.º 314, entrou no 7.º anno de publicação este nosso presado collega de Villa Nova de Famalicão.

Enviando-lhe as nossas felicitações, desejamos ao collega as maiores prosperidades.

Em Vendas Novas

No dia 9 d'este mez, deveriam os nossos companheiros de trabalho de Vendas Novas, inaugurar a sua Associação de Classe.

Como apologistas fervorosos da ideia associativa, saudamos jubilosamente os sympathicos collegas de Vendas Novas, felicitando os ao mesmo tempo pela inauguração da sua Associação de Classe, a quem vamos offerecer o nosso humilde periodico.

Julio dos Santos

Por informações particulares, sabemos que este nosso distincto amigo e solícito correspondente de «A Fraternidade» em Coimbra, tem passado ligeiramente incommodado de saude, o que deveras sentimos.

João Correia

Este nosso amigo e collega local, passou alguns dias incommodado de saude; mas, felizmente, está já restabelecido.

Inspeções militares

Estão isentos do serviço militar, pelo que os felicitamos, os nossos collegas José Carvalho, administrador d'este jornal e os nossos tambem collegas locais Antonio Manoel d'Araujo e Manoel Gomes Torres.

Sá Pereira

Pelo fallecimento de uma sua tia, encontra-se de luto este nosso collega lisbonense, da redacção do estimado confrade «O Caixeiro».

As nossas condolencias.

Livros & Jornaes

«A Fé»:

Recebemos o n.º 8 d'esta revista barcellense, referente aos mezes de setembro, outubro e novembro.

A sua collaboração é, como em todos os outros numeros publicados, excelente.

—A proposito: Noticia «A Fé» que «foi promovido á 2.ª classe o sr. Francisco Guimarães, digno professor official de Gilmonde».

Advirtimos aos nossos leitores que aquelle cavalheiro não é o nosso secretario da redacção:—este é um rapaz intelligente, mas não é professor official; pode muito bem ser-o... particular.

«A FRATERNIDADE»

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

BARCELLOS

Ex.º Snr.